Paróquia
NOSSA
SENHORA
DE GUADALUPE



VIDA CRISTÃ | ESPIRITUALIDADE

E se eu pensar como Cristo...

E se eu pensar como Cristo...

O Calvário é talvez o lugar mais propício para entender a mente de Cristo, para aprender a ver o mundo de forma diferente.

Por: Pe. Fernando Pascual, LC | Fonte: Catholic.net
Tradução: Alberto Perazzo
Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe

São Paulo foi ousado quando disse: "Nós temos a mente de Cristo" (1Cor 2,16). Pois, não está Deus acima do homem? Não deveríamos reconhecer que sua inteligência é insondável? (cf. Is. 40,28).

Diante do mistério de Deus, o homem religioso pode tomar uma atitude de submissão completa. Deus, o Senhor, decide livremente. Nós, por outro lado, não sabemos por que ou para onde o mundo está indo. Mas, tomar uma atitude assim, é correto? Não há a possibilidade de penetrar, de alguma forma, nos pensamentos de Deus, de "possuir" a mente de Cristo?
A chegada de Cristo ao mundo permite que o Logos, a Palavra, se torne presente. Desde então, há uma luz que ilumina aos homens: é possível deixar a escuridão e começar a ver horizontes novos e compreensíveis (cf. Jo 1,1-18). Dessa forma, Deus dialoga, fala, come e sofre conosco.
Com a chegada do Espírito Santo, os crentes recebem a força do alto, a possibilidade de lembrar tudo o que Cristo lhes havia ensinado (cf. Jo 14,26).

Isso não impede que no meio dos cristãos, aconteça o risco de ofuscação, de dúvida, de alienação. É então, que alguns corações podem deixar de lado o dom divino para buscar e preferir, como já aconteceu tantas vezes ao longo da história de Israel, cisternas rachadas (cf. Jr 2,13).
O caminho da história moderna nos monstra o mesmo drama em muitos corações. Depois de conhecer Cristo (se realmente chegaram a Lhe conhecer de verdade), eles o colocaram de lado. Exaltaram a razão, na esperança de alcançar com ela, verdades que serviriam como resposta aos milhares de mistérios desta terra. Eles chegaram ao ponto de “entronizá-la” simbolicamente na Catedral de Paris durante a Revolução Francesa.

Mas o sonho de um mundo iluminado pela ciência e o conhecimento simplesmente humano, caiu uma e outra vez, diante de uma realidade complexa, diante de paixões que desencadearam violência e guerras, algumas delas iniciadas precisamente em nome do "progresso", da "liberdade" ou da "justiça".

A marcha do conhecimento científico possibilitou alcançar, certamente, conquistas importantes. Milhões de seres humanos foram curados de doenças que anteriormente exterminavam povos inteiros. A agricultura melhorou sua produtividade. A indústria tornou possível o bem-estar em milhões de famílias. A técnica disseminou espaços de cultura e comunicação. Mas as questões profundas permaneceram: de que serve ter aparelhos eletrônicos, muito modernos em sua própria casa, quando chega a notícia de que um filho acaba de ser atropelado na rua, ou quando uma tristeza profunda leva um jovem, ou um adulto, ao suicídio?

Em momentos semelhantes, mas também antes de um pôr do sol sereno que restaura a paz à alma, podemos mirar novamente para a Cruz. Nela encontramos a imagem de Jesus de Nazaré, Filho de Deus e Filho de Maria, Rei do Universo e Amigo que lava os pés de seus discípulos. Com seu humilde e dócil gesto, como uma ovelha para o matadouro, ele conforta e, mais profundamente, salva do pecado e da morte todos os que vêm até Ele com fé simples e sincera.

Sem imposições, sem milagres, o Calvário é talvez o lugar mais propício para entender essa mente de Cristo, apreender a ver o mundo de uma maneira diferente, para sentir que o perdão atinge aqueles que, com lágrimas humildes e confiantes, reconhecem seu próprio pecado e confessam, como o centurião: "Verdadeiramente este homem era o filho de Deus" (Mc 15,39).